

ENTREVISTA SEBASTIÃO OLIVEIRA, fundador do Projeto Miratus

Raquetada na exclusão

Ex-interno da Funabem transforma vidas com escola de badminton na Chacrinha

RODRIGO MANDARINI
rodrigo.mandarini@meiahora.com

A infância de Sebastião Oliveira foi entre a sede de Quintino da Funabem (a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, que abrigava crianças carentes no regime de internato) e o lixão de Gramacho, na Baixada Fluminense,

onde sua mãe trabalhou por um período. Aos 16 anos, um instrutor de lanternagem da entidade fez um alerta que mudou o futuro do até então garoto bagunceiro que hoje, através do esporte, transforma a vida de centenas de meninos e meninas da Favela da Chacrinha, na Praça Seca, em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio.

“O mestre disse pra eu não voltar depois das férias. Eu tinha passado o ano só de sacanagem, não aprendi nada e não deixei ninguém aprender. Fui passar as férias com a minha mãe, no lixão, catando papel e comendo resto de comida do aeroporto e de mercados. Naquele momento, percebi que não poderia continuar daquele

jeito, então me esforcei muito e aos 18 anos consegui meu primeiro emprego, lá na Funabem mesmo,” conta o criador da Escola Miratus, projeto social com sede na Chacrinha, que atende a quase 200 crianças por ano, desde 1998, com aulas de badminton, esporte presente no programa olímpico, mas ainda pouco popular no Brasil.

O que representa o Projeto Miratus para você?

Tudo. Todo o dinheiro que economizei na vida eu investi aqui. Era um sonho de muito tempo. Depois que passei um tempo com a minha mãe no lixão, percebi que precisava fazer a diferença na vida das pessoas. Desde o meu primeiro emprego, eu juntei dinheiro e a cada promoção sobrava mais um pouco. Sabia que esse dinheiro era para fazer alguma coisa para retribuir o que eu recebia.

Como a Favela da Chacrinha foi a escolhida para receber o projeto?

Eu conheci a minha esposa, que morava aqui. Casamos e ficamos por aqui. Aí fui comprando os terrenos em volta. Aqui era só mato, esse terreno era um buraco. Mesmo sendo terrenos baratinhos, chegou uma hora que acabou o dinheiro. E construí tudo com o meu esforço, meu suor. Todo o meu tempo e dinheiro desde 1998 foram usados para trabalhar aqui. Até hoje ainda não está pronto.

Sempre imaginou que ficaria como está hoje?

Não. Eu ia construir uma pis-

cina, porque eu nadava lá na Funabem. No começo, aqui era só o chão mesmo, até que conseguimos aos poucos melhorar.

Como o badminton (espécie de tênis, com quadra menor, rede levantada e peteca em vez de bola) apareceu na história?

Por acaso. Eu conheci o esporte no Colégio Pedro II, para onde fui transferido com o fim da Funabem. Um professor voltou de uma viagem à Europa, trouxe essa raquete e disse que era de badminton. Eu pedi para jogar, já gostava de tênis. Quando conheci o badminton não tive dúvidas de que seria o esporte ideal, porque é divertido, meninos e meninas podem jogar juntos.

Mas convencer a criança que está batendo bola a jogar peteca deve ter sido difícil...

Foi fácil. Aqui era uma calçada. Comecei a brincar com a Eliane, uma vizinha, e as crianças começaram a chegar em volta. Enquanto a gente jogava, elas demonstravam estar cheias de vontade de jogar. Quando a Eliane foi ao banheiro, uma pediu para jogar, depois a outra e

logo todas estavam jogando. Daí para formar as turmas foi muito rápido. Em pouco tempo já estávamos competindo fora.

O objetivo é formar cidadãos ou atletas?

Eu acho muito difícil formar o cidadão. Oriento para eles se formarem, quero incluir. Ficar comigo aqui não é incluir. Precisamos capacitá-los. Eu não estou ajudando essas crianças, eles são meus filhos, meus irmãos. Eles que me ajudam.

Muita gente diz que se há competição, existe a exclusão, já que nem todos estão aptos a competir. O que pensa disso?

Na Funabem erraram feio por esse conceito. Eu praticava esporte e queria competir, mas não deixavam. A competição não exclui, pelo contrário. Ela prepara para a vida, para ganhar, para perder e para fazer o melhor. Ela te dá condições que a vida pode não dar. Antes de uma prova você esquece, fica nervoso. Se está acostumado com competições você sabe como lidar com isso.

Na página 04x05, a 'fábrica de campeões da Chacrinha'



Sebastião Oliveira com a raquete e a peteca de badminton: 'É divertido'

BRUNO DE LIMA